

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

LITERATURE TEACHING IN THE CONTEXT OF HIGH SCHOOL

Camila Gonçalves da Costa¹

Amanda Eliane Lamônica Araújo²

RESUMO: Entende-se que o ensino da literatura deve criar e mediar situações de aprendizagem, considerando a obra literária e o leitor como centro da aula. Contudo, as aulas de literatura no ensino médio nem sempre atendem as expectativas dos alunos, uma vez que conteúdos, abordagens e métodos são alheios a sua realidade. Diante dessa problemática, este estudo objetiva (re)pensar o lugar da literatura no contexto escolar, de forma a assumir seu papel humanizador por meio das práticas literárias. Os objetivos específicos implicam necessariamente em: explorar as relações dialéticas entre a leitura e a literatura, as quais se relacionam num único sentido: as práticas de ensino; compreender o modo como o ensino dessa disciplina vem sendo conduzido nas aulas do ensino médio; identificar a possível relação das práticas metodológicas com o desinteresse dos alunos. Para tanto, inicialmente fez-se necessário conhecer o papel da leitura e da literatura no contexto escolar e social, cujos dados assentados na opção metodológica, nas bases relativas à pesquisa crítica bibliográfica, apontam que o fracasso dessa disciplina deve-se muitas vezes à abordagem historicista da literatura pautada no livro didático como único e exclusivo material de aula, focando apenas nas características de escolas literárias e biografias de autores em detrimento ao contato efetivo do aluno com a obra literária, não permitindo, assim, o devido e merecido destaque à leitura e fruição das obras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Ensino de Literatura. Práticas literárias.

ABSTRACT: It is understood that the teaching of literature should create and mediate learning situations, considering the literary work and the reader as the center of the class. However, literature classes in high school do not always meet students' expectations, since content, approaches and methods are aliens to their reality. Given this problem, this study aims to (re) think the place of literature in the school context, in order to assume its humanizing role through literary practices. The specific objectives necessarily imply: exploring the dialectical relationships between reading and literature, which are related in a single sense: the teaching practices; understand how the teaching of this discipline has been conducted in high school classes; identify the possible relationship between methodological practices and students' lack of interest. Therefore, it was initially necessary to know the role of reading and literature in the school and social context, whose data based on the methodological option, on the basis of critical bibliographic research, point out that the failure of this discipline is often due to the approach historicist of literature based on the textbook as unique and exclusive class material, focusing only on the characteristics of literary schools and authors' biographies to the detriment of the student's effective contact with the literary work, thus not allowing the due and deserved prominence reading and enjoying works.

KEYWORDS: Literature. Literature teaching. Literary practices.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: camilaggcosta@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3693-0889>

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: amanda.lamonica@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9259-252X>

● [Informações completas da obra no final do artigo](#)

Introdução

O mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações.

Umberto Eco

Várias críticas têm sido feitas em relação ao ensino de literatura no contexto do ensino médio e, sobre isso, Pimentel (2008), Silva (2003), Barbosa (2010) e Buse (2011) revelam que as aulas de literatura nem sempre atendem às expectativas dos alunos e, que na maioria das vezes até provocam desânimo e desinteresse, já que geralmente são alicerçadas ao uso do livro didático, tendo como base metodológica o estudo da periodização literária relacionada à memorização de informações “literárias” (estudo da história da literatura, escolas literárias, dados bibliográficos de autores e fragmentos de obras).

Nesse sentido, é notório o aniquilamento do ensino de literatura nas aulas do ensino médio, uma vez que não detém o devido e merecido destaque à leitura e fruição das obras literárias. Diante disso, percebemos a necessidade de se (re)pensar o lugar da literatura no contexto escolar, a fim de despertar nos alunos o gosto por esta disciplina, tendo em vista seu poder humanizador, capaz de nos libertar de nossos próprios conhecimentos e saberes que antes julgávamos como verdadeiros e necessários, considerando que a leitura literária permite ao aluno refletir sobre questões próprias da condição humana.

Nessa perspectiva, Moisés (2008, p. 18) levanta a seguinte questão: “Por que estudar Literatura?”:

Porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura, nas sociedades letradas, não há cultura; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado, mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento: porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode gerar transformações históricas.

Para Martins e Versiani (2008, p. 18) “Literatura não se ensina, aprende-se com ela”, já o crítico literário Antonio Candido (1995) afirma que não poderíamos viver sem alguma

espécie de fabulação, característica esta da literatura, haja vista seu poder humanizador que nos organiza de forma psíquica e socialmente, porque ela tem uma intervenção na cultura e é sem dúvida um meio consciente de desmascaramento e problematização de muitas esferas do saber.

Portanto, se educar é humanizar, a literatura contribui nesse sentido, pois de acordo com Candido (1995, p. 256) ela “[...] dá forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade”. Além do que “[...] a Literatura é considerada uma das mais prestigiadas formas de expressão humana, que permite experimentar, ficcionalmente, diferentes realidades, ampliando nossa própria forma de compreender o mundo” (SILVA; SOUZA, 2012, p. 36).

Assim, diante das válidas teorizações sobre o porquê de se ensinar literatura, propomos neste momento, discorrer sobre a importância da leitura, tendo em vista que sua prática constitui o sujeito como cidadão. Posteriormente, apresentamos alguns apontamentos sobre o ensino dessa disciplina no ensino médio, seu contexto e as orientações curriculares nos documentos oficiais.

A leitura e a literatura

*Todos esses que aí estão
atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

Mário Quintana

Na epígrafe acima, o escritor Mario Quintana recorre ao humor para fazer alusão à leitura, descrevendo uma “armadilha às avessas”, conforme arrazoam Rago e Neto (2009, p. 13) ao mencionarem que “é no voo do passarinho que o poeta consegue se libertar daqueles que atravancam seu caminho”. Em tal contexto, Buse (2012, p. 29) explica que “ler não é apenas decodificar símbolos, vai muito além disso”.

Partindo dessa concepção de leitura, Buse (2011) empresta conceitos de Jauss (1994) ao afirmar sobre o importante papel que o leitor assume neste processo, pois de acordo com os estudos da *Estética da Recepção*, o leitor é considerado o receptor do texto, que passa a ser visto como um elemento ativo no processo de leitura. Pela mesma esteira de ideias está a pesquisadora Luiza Lobo (1992, p. 232) ao compreender que “[...] o leitor

deixou de ser visto numa posição passiva, e sim como parte integrante do ato da leitura”. Tais afirmações conduzem ao efeito da leitura estar vinculada ao conhecimento prévio do leitor, às suas expectativas, influenciando a atualização da leitura de forma diferenciada entre os leitores, pois a recepção da obra não é igual para todos, já que suas histórias, perspectivas e experiências de vida também não são as mesmas.

Frente a essa contextualização, propomos explorar as relações dialéticas entre a leitura e a literatura, as quais se relacionam num único sentido: as práticas de ensino. Por esse prisma, pesquisas como a de Barbosa (2010) e Silva (2010) comprovam que na atualidade grande parte dos alunos do ensino médio apresentam dificuldades na aprendizagem relativa à literatura, uma vez que conteúdos, abordagens e métodos não atendem às suas expectativas e que existe distanciamento entre as propostas de ensino e a realidade concreta dos sujeitos envolvidos nesse processo. Entretanto, se, de um lado, constata-se esse distanciamento, por outro, a pesquisa também evidencia a crença do aluno de que leitura é importante. Esse aspecto é um dado extremamente significativo e precisa ser conhecido e utilizado pelo professor, de forma a reforçar essa ideia para estabelecer relações concretas entre leitura, literatura, livros e realidade.

Assim, torna-se imprescindível que os professores invistam no processo de leitura, criando novas estratégias de abordagem mais condizentes com as expectativas do aluno, bem como modalidades pedagógicas adequadas ao ensino de literatura. De modo análogo, Magnani (1992, p. 101) discorre sobre a leitura:

Aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter a satisfação com a leitura; aprende-se acompanhar modismo de leitura; aprende-se a ter critério e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. E tudo isso se aprende lendo dentro e fora da escola.

Martins e Versiani (2008, p. 17) enfatizam que a “escola se apresenta como potencial polo disseminador de uma cultura literária, rompendo seus limites e contribuindo em parte com o alargamento social da leitura”. Para tais pesquisadoras:

[...] leitor de/da literatura será aquele que tem a oportunidade de vir a saber que ler textos literários é aprender a negociar a leitura e a adequá-la a contextos e finalidades, tornando-as verdadeira posse do vasto patrimônio (de textos e de práticas de leitura) que lhe pertence (MARTINS; VERSIANI, 2008, p. 23).

Nesse sentido, cabe aos educadores incentivarem a prática da leitura, considerando formar cidadãos mais críticos, pois a criticidade é a condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. (BRITO, 2010)

Para Lena Lois (2010, p. 19) “sem o domínio da crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural também”, pois a leitura, além de ser a mais abundante fonte de informação é o meio mais rápido para obtê-la, já que permite absorver as informações de maior interesse num ritmo inteiramente próprio. Assim sendo, o leitor dinâmico adquire maior dinamicidade no pensar, refletir, raciocinar.

Magnani (1995, p. 37) ressalta o conceito de leitura, considerando-a como “um processo de autoria de segunda ordem, no qual interagem as histórias de leitura do texto e do leitor e em que um determinado texto, além de mediador, é reconhecido e interrogado como objeto singular”. Assim, o que confere a singularidade a um texto e permite ao leitor reconhecê-lo e interrogá-lo são “os aspectos constitutivos de sua configuração, a saber: por que, para que, quem, para quem, quando, onde, o que é como se escreve” (MAGNANI, 1995, p. 37).

Nessa perspectiva, o texto literário deve ser o foco das aulas de literatura, pois segundo os estudos de Ramos e Zanolla (2009), o objetivo do ensino da literatura é criar e mediar situações de aprendizagem, a partir da interação do aluno com o texto, ajudando-o a perceber e (re)significar a estrutura da obra. A literatura deve, então, considerar o texto e o leitor como centro da aula, uma vez que se relacionam em suas múltiplas experiências, pois conforme destacam Zilberman e Silva (2008, p. 23):

[...] compete hoje ao ensino da literatura não mais como a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Não como execução de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

No que diz respeito à forma de utilização do texto literário, Magnani (1995, p. 39) enfatiza que:

O texto literário demanda e propicia um trabalho específico de leitura, ao mesmo tempo como fruição estética que não se deixa controlar, instrumentalizar, etapizar ou seriar e como busca de conhecimento que não se restringe à organização, classificação e computação de dados e informações, mas que se apresenta como multiplicidade, contrapondo-se ao consumo e destruição dos objetos culturais e

instaurando outras relações dos sujeitos entre si e com seu passado, presente e futuro, com a cultura e a língua, com o mundo público e o privado.

Em leitura análoga, Lobo (1992, p. 242) entende o texto literário com “um objeto literário que se refletirá como uma visão transcendental de múltiplas visões, e no qual o mundo estará incorporado”. Assim, a presença da literatura no ambiente escolar é justificada pelas competências e habilidades que pode desenvolver no aluno. Dessa forma, “[...] todos os textos devem estar a serviço dos leitores, alunos ou professores, sem exclusões, nem comparações, na intenção de promover, em primeiro lugar, o sujeito, e não o livro ou a leitura” (MARTINS; VERSIANI, 2008, p. 23). Em consonância de ideias, Ramos e Zanolla (2009, p. 70) afirmam que:

Como produto da atividade humana, a leitura literária permite ao aluno refletir sobre questões próprias da condição humana - morte, amor, amizade, relações sociais - para citar apenas alguns exemplos-, além de acessar e vivenciar realidades distantes no tempo e no espaço -, ampliando suas vivências. Dessa forma, a leitura literária possibilita ao aluno conhecer melhor o mundo e a si mesmo.

Sobre a leitura das obras literárias, Eco (2003, p. 12) explana que elas “nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e das linguagens e da vida”. Em tal contexto, Moisés (2008, p. 22) enfatiza que “a obra literária, diferentemente dos textos verbais meramente comunicativos, diz algo em determinada forma, mais complexa, mais rica, mais ambígua”.

Para Candido (1995, p. 249) as “produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo”. Diante dessa visão libertadora e cosmopolita, Lobo (1992, p. 243) considera que a “história literária deveria ser, ao lado de outras artes, um processo de contínua libertação, buscando emancipar o homem das restrições que lhe são impostas pela natureza, a religião e a sociedade”. Nesse contexto, “a experiência com a obra literária, além do seu caráter pessoal e intransferível, traz consigo outra necessidade: a do partilhamento sem fronteiras” (MARTINS; VERSIANI, 2008, p. 20).

Entretanto, para que o gosto pela leitura seja desenvolvido, a aprendizagem comporta uma face não espontânea e pressupõe intervenção construtiva do professor em

propiciar o estímulo à leitura e fruição de textos literários num processo de esforços entre o educador e o aprendiz. Sobre isso, Magnani (1995, p. 31) entende que:

Para uma ação eficaz, os professores devem tomar, como ponto de partida, a realidade do aluno e, como princípio operante, a adequabilidade entre o nível de dificuldade crescente do material indicado para leitura e o interesse e gosto, estabelecidos de acordo com as etapas de desenvolvimento cognitivo de seus alunos e sua realidade, de modo que, mediante o emprego de técnicas de motivação e sem interferir diretamente, propiciem estímulos para que os alunos construam seu conhecimento, até culminar o processo com o comportamento esperado: a leitura esclarecida dos longos clássicos do vestibular, como coroamento das habilidades – úteis para a escola e para a vida – para as quais esses alunos vieram sendo preparados desde a alfabetização.

Assim, ensinar a ler “é atuar na formação do gosto de alunos e professores, através da leitura [...] com ênfase no texto literário, para cuja seleção o critério é o desejo de conhecer para julgar, visando a crescente autonomia do leitor” (MAGNANI, 1995, p. 35). Tais ações conferem ao aluno a possibilidade de tornar-se um ser mais crítico e mais sensível e inteligível, considerando que:

[...] a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação (ZILBERMAN, 2012, p. 148).

Sobre o ensino de leitura, Magda Soares (2005, p. 33) explana que é “função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui não só a leitura informativa, mas também a leitura de fruição”. Contudo, a prática de leitura efetiva, segundo Magnani (1992, p.102) requer alguns critérios e cuidados:

[...] a seleção e utilização de livros para literatura, é o que ajusta ao gosto dos alunos. Mas suas expectativas e preferência refletem a complexidade das relações que envolvem sua formação enquanto leitor, mesmo fora do circuito escolar seu gosto traz marcas do aprendizado de leitura. Num movimento de mão dupla, suas expectativas, já trabalhadas fora da escola, são sondadas e realimentadas na escola, sob a máscara de uma suposta adequação ao gosto para que os alunos gostem de ler. E deste modo cabe aos professores, mostrarem para os alunos e para os pais que não é apenas na escola que se pratica o exercício da leitura, mas em qualquer outro momento do dia e em qualquer lugar onde o indivíduo possa ler e compreender a leitura realizada.

As discussões apresentadas até aqui, demonstram que a leitura é condição indispensável para a formação do ser humano, é condizente com as necessidades, com o tempo e com o espaço em que se movimentam pessoas e grupos sociais. Nesse entendimento, os textos e obras literárias quando colocados em cena, exigem uma preparação prévia e sistemática do professor, que além de ser um leitor assíduo deve selecionar os materiais que melhor propiciarão uma aprendizagem significativa ao estudante, de forma que sejam condizentes sua realidade e expectativa, respeitando ainda sua singularidade e ritmo de aprendizagem.

Assim sendo, o professor de literatura, como educador, tem o papel fundamental de incentivar seus alunos através das obras literárias, a se tornarem leitores críticos para se imporem e questionarem as futuras indagações que possam surgir ao longo de suas vidas, haja vista que “[...] o único conselho sobre leitura que uma pessoa pode dar a outra é não seguir conselhos, mas basear-se nos seus próprios instintos, usar sua própria inteligência, tirar as suas próprias conclusões” (SILVA, 2005, p. 35).

Compreendemos que as práticas de leitura e literatura sejam uma questão de gosto, no qual o aluno leia por interesse e não por obrigação. Nesse sentido, a leitura seja ela popular, erudita ou letrada, deve ser tida como produção de sentido e, por isso, dentro de um sistema pedagógico solidamente articulado, tais práticas se cruzam num processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista a importância da leitura na vida de um aluno, pois a partir do momento que inicia-se como um sujeito leitor, desperta em si o gosto pela leitura, e conseqüentemente, para a vida, considerando os vastos conhecimentos que só a leitura pode proporcionar.

Contudo, para que a prática de leitura literária seja exitosa, necessitamos entender o contexto da literatura nos documentos oficiais que regem-na como disciplina escolar no currículo do ensino médio, pois conforme considerações de Todorov (2009, p. 14), a “literatura permite que cada um responda melhor a sua vocação de ser humano”. Dessa forma, podemos concluir que a literatura enquanto disciplina torna-se indispensável tanto na formação social quanto cultural de uma sociedade, merecendo assim, mais respeito e destaque dentro do currículo escolar.

A disciplina de literatura nos documentos oficiais

Não há dúvida que, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço.

Machado de Assis

Para atingir o objetivo ao qual se define este subcapítulo, apresentamos alguns documentos oficiais que dialogaremos na parte relativa ao contexto das competências que norteiam o ensino de literatura, tais como: a *Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB*, de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM* (2002), as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM* (2006) e as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (2013).

A LDB em seu § 2º, Art. 26A, sustenta que no ensino de literatura, juntamente com as áreas de Educação Artística e de História Brasileira, será conduzido “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira”. Em consonância, as DCN orientam que:

A história e as culturas indígena e afro-brasileira, presentes, obrigatoriamente, nos conteúdos desenvolvidos no âmbito de todo o currículo escolar e, em especial, no ensino de Arte, Literatura e História do Brasil, assim como a História da África, deverão assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição da nação (BRASIL, 2013, p. 133).

Como observado nos documentos orientativos supracitados acima, a disciplina de literatura não é tratada como disciplina em si, apenas utilizada como fins de estudos para conteúdos como o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Desse ponto de vista, entrevemos que as propostas e práticas enquanto documentos escritos, incluem os processos de planejamento que requerem do professor uma seleção e planejamento sistemático que almeje ações que abordem as temáticas de estudo orientado pelas normativas oficiais, desde que prezem por práticas que tenham como foco da aula, a leitura de textos literários.

Já os PCNEM apresentam a ideia que a disciplina de literatura integra a área de *Linguagem* no currículo escolar, e dá as seguintes instruções:

O ensino médio dê especial atenção à formação de leitores, inclusive das obras clássicas de nossa literatura, do que mantenha a tradição de abordar minuciosamente todas as escolas literárias, com seus respectivos autores e estilos (BRASIL, 2002, p. 71).

As OCEM em sua totalidade, objetivam orientar as práticas escolares, a fim de contribuir para a reflexão e formação docente. Nesse sentido, ratifica a importância de estudar literatura no ensino médio, a partir das palavras de Antonio Candido sobre a Literatura como fator indispensável de humanização:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

No entanto, segundo as OCEM (BRASIL, 2006) para cumprir com os objetivos do ensino literário não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos e características de escolas literárias, mas sim, privilegiar o letramento literário, que conforme definição de Magda Soares (2004, p. 47) é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Dessa maneira, as OCEM discorrem que a leitura proporciona o letramento ao passo que torna o leitor mais crítico, autônomo e humanizado, pois o aprofundamento do texto enriquece a experiência estética na medida em que o educando atribui significado à obra a partir das diversas interpretações. (BRASIL, 2006)

A partir de tais orientações, consideramos que a leitura deve ter como objetivo o ensino da literatura, mas não como uma leitura “obrigatória” com foco para os cânones literários, e sim uma leitura que proporcione prazer literário ao estudante, que contextualize com seu mundo, que mostre a ele uma nova forma de conceber a realidade. Nesse sentido, o professor surge como incentivador da prática literária, valorizando e respeitando as leituras que os estudantes fazem fora da escola, além de propor momentos que explicitem suas impressões e discutam as obras lidas. Ao contrário do que muitos pensam, isso não significa perder aulas com conteúdos avessos à disciplina, mas sim, uma forma de incentivar os alunos a transferirem seu interesse para as leituras da escola, incorporando

de forma gradativa as leituras mais complexas e densas, já que estas são mais distantes da realidade dos jovens, conforme apontam as OCEM (BRASIL, 2006, p. 70):

[...] o desafio será levar o jovem à leitura de obras diferentes desse padrão obra de tradição literária, sejam obras recente, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético – capazes de propiciar uma fruição mais apropriada mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo.

Em comum acordo, Buse (2012, p. 24) destaca que “o primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor [...] a familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o consequente desencadeamento do ato de ler”. No que diz respeito a escolarização do ensino de literatura, Zilberman (2012, p. 202) explana que:

[...] o ensino médio teve de redefinir suas expectativas em relação à presença da literatura no currículo. De um lado, porque o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante: o aluno, ao estudá-la, não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente; logo, não se justifica como ‘terminalidade’. De outro, os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto, a ‘continuidade’ também não comparece.

Com efeito, “[...] nada, a não ser o vestibular, explica a presença da literatura no nível médio” (ZILBERMAN, 2012, p. 202). Contudo, para que possamos entender as funções da literatura e suas contribuições para o desenvolvimento intelectual, social e humano do aluno, torna-se necessário conhecer as competências envolvidas no ensino e aprendizagem desta disciplina. Diante dessa intenção, Barbosa (2010, p. 27) explana sobre a necessidade da atenção do professor em relação às competências necessárias que permeiam o ensino de literatura:

[...] as competências não se limitam a habilitar o estudante a apenas identificar no cânone ou naquilo que chamamos literatura os efeitos desta linguagem, que faz uso de recursos expressivos, para chamar a atenção sobre si. Elas prevêm [sic] que qualquer texto escrito em língua portuguesa ou formulado em qualquer outra linguagem-pictórica, corporal, fílmica, etc. – faz uso dos sistemas simbólicos, como forma de organização cognitiva da realidade. Este pressuposto habilita os alunos para identificar os elementos que concorrem para a progressão de um texto seja de que gênero for, e não apenas o literário.

Assim, para que o aluno desenvolva tais competências, torna-se fundamental que o professor de literatura tenha como foco principal de sua aula, a leitura como forma de fruição da obra literária, considerando que a finalidade da literatura é o letramento literário do aluno, a fim de torná-lo um ser crítico, informado e questionador da realidade e do mundo em que vive.

Diante dessa premissa, a leitura literária a partir do aprofundamento textual, proporciona prazer e estimula a criticidade, conferindo ao aluno posicionar-se como um indivíduo socialmente inserido numa sociedade, processando sua inserção nas diversas dimensões sociais, culturais, políticas, religiosas e educacionais. Com efeito, Filipouski (2006, p. 227), entende que:

[...] A leitura literária, nesse contexto, constitui-se como meio essencial à formação do sujeito crítico porque, diferentemente de outras leituras (informativa ou científica) que devem apresentar uma linguagem direta, a leitura literária é formada por uma linguagem que permite múltiplos significados e necessita do papel ativo do leitor em desvendá-la e ressignificá-la a cada nova leitura.

Assim sendo, para que a prática da leitura literária seja significativa deve ter sua abordagem focada no texto literário, até porquê segundo Cereja (2005, p. 11), depois de fazer no ensino fundamental um percurso de pelo menos oito anos de estudos de linguagem, “[...] o estudante brasileiro inicia o ensino médio, a passo de ter contato, geralmente pela primeira vez, com o estudo sistematizado da literatura”.

Portanto, considerando compreender melhor o contexto do ensino de literatura nas instituições escolares, apresentamos a seguir um breve ensaio de como vem sido conduzida essa disciplina no ensino médio.

A escolarização da literatura no ensino médio

É preciso dessacralizar a literatura, liberá-la de seus tabus sociais, abrindo caminho para o segredo de sua potência. Então, talvez será possível refazer não a história da literatura, mas a história dos homens em sociedade segundo o diálogo dos criadores de palavras, mitos e ideias com seus contemporâneos e com a posteridade, que agora chamamos literatura.

Robert Escarpit (1969, p. 45)

Embora a prática do ensino de literatura seja assunto sobre o qual vários teóricos e estudiosos da área vêm discutindo, na perspectiva de explicitar estratégias que aprimorem

o ensino dessa disciplina e de propor livros que despertem o interesse dos alunos pela leitura, percebemos que ela ainda não atingiu o estado ideal, já que para ter função humanizadora e transformadora precisa ser trabalhada a partir de metodologias que de fato despertem o interesse e, que venham ao encontro dos anseios e expectativas dos alunos.

Contudo, Cereja (2005, p. 07) salienta que os adolescentes de hoje confirmam “[...] a imagem de que estudar, ler e conhecer literatura são coisas sem sabor, ligadas ao universo da obrigação, distantes dos prazeres encontrados na natureza e (por que não?) na vida”. Diante desse exposto, a aproximação do professor com os livros torna-se importante, pois segundo análises de Lois (2010), o professor é um exemplo para o aluno e ele é quem deve estar diretamente ligado ao trabalho literário, instigando o aluno para a leitura literária. Por esse viés, Martins e Versiani (2008, p. 13) sustentam que:

[...] se a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade e de gozar esteticamente dela em uma experiência pessoal e subjetiva, parece que o papel do professor deveria ser, principalmente, o de provocar e expandir a resposta provocada pelo texto literário e não, precisamente, o de ensinar a ocultar a reação pessoal através do rápido refúgio em categorias objetivas de análise, tal como sucedia habitualmente no trabalho escolar.

Para Pimentel (2008), o ensino tradicional da literatura vigente em escolas de ensino médio é feito com ênfase em aulas expositivas, fundamentadas em livros didáticos que apresentam uma abordagem cronológica, baseado em panoramas históricos e características de estilos de épocas, sem se deter, diretamente, na leitura de textos literários. Em uniformidade de ideias, Buse (2011, p. 03) acredita que o desinteresse dos alunos pode ser provocado em parte por essa abordagem, pois ela direciona a aula para a “memorização de quantidade enorme de informações literárias muito alheias à realidade do aluno ou transforma uma obra em mero instrumento de estudo”. Sobre a escolarização da literatura na etapa do ensino médio:

Em muitas de nossas escolas de Ensino Médio, é comum haver um professor específico para Literatura. Normalmente, seu plano de conteúdo para todas as séries se resume em estudar exclusivamente as escolas literárias, sintetizando-as em contexto de época, principais características da escola e principais autores. Essa organização encontra eco em vários vestibulares e se resume nos livros didáticos. Nessa repetição de uma metodologia tradicional, o que está sendo priorizado é a transmissão de conteúdos, mas não necessariamente de produção de saberes, muito menos ainda a reflexão sobre a natureza humana e suas pulsões (DIAS, 2007, apud BUSE, 2012, p. 23).

Debruçados sobre o tema em questão, encontramos muitas informações que atestam que atualmente o ensino de literatura vem sendo ministrado de forma pragmática, isto é, a abordagem é feita apenas pelo uso do livro didático, não dando o devido e merecido destaque ao que realmente importa, a leitura da obra literária. Ademais, Martins e Versiani (2008, p. 19) discorrem que:

[...] estudos de pesquisadores ligados à área da Linguagem e Educação vêm denunciando como a escolarização da literatura tanto nas mediações cotidianas de leitura como nas mediações estabelecidas com base no livro didático, desconsidera o que há de literário nos textos a ser interpretados e explorados pelos alunos, ao propor questões objetivas, estruturais e classificatórias.

Posto isso, é comum que os alunos do ensino médio entendam a literatura como uma disciplina sem fundamento, uma vez que “já não tem mais contato com o texto na íntegra, apenas com fragmentos que são usados como exemplos para a compreensão da gramática ou como modelo para exemplificar características de determinada escola ou gênero literário” (BUSE, 2011, p. 04). Em consequência, Todorov (2009, p. 10) assevera que:

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que uma agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública.

Como observado, atualmente, o ensino de literatura vem sendo conduzido como um “[...] jogo de cartas marcadas, como apenas cumprimento, página após página, do conteúdo pragmático apresentado pelo livro didático” (BUSE, 2001, p. 04). Frente a essa didática utilizada por muitos professores, Moisés (2008) argumenta que o professor deve ensinar as virtudes específicas da literatura a partir das obras que as possuem, mas que:

A pretensa democratização do ensino, como nivelção baseada na realidade dos alunos, redundando em injustiça social. Oferecer ao aluno apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar seus conhecimentos, e privá-lo de um bem que deveria pertencer a todos (MOISÉS, 2008, p. 04).

O ensino de literatura está alicerçado em conceitos teóricos e periodizações de autores e obras, em detrimento a leitura literária, que quando trabalhada é sugerida apenas como prática de ensino, não oportunizando ao aluno contextualizar a obra com suas vivências e interpretá-la de acordo com suas experiências pessoais. Tais práticas não permitem capacitar o aluno num leitor competente, crítico da realidade, informado, com facilidade para interpretações textuais e apto a reescrever estes textos a partir de suas perspectivas pessoais, tornando-se assim, além de leitor, um escritor criativo.

Para atingir esses objetivos, o professor deve mostrar ao seu aluno a relação do texto com a realidade atual e pedir que atribua significado àquela obra, ao invés de insistir em cobrar quem a escreveu, a data, a escola literária e outras informações dispensáveis, que devem ficar em segundo plano, considerando que o mais importante é a leitura e fruição, pois são estas habilidades que ajudarão o aluno a desvendar as informações secundárias e desenvolver seu potencial de interpretação.

Nessa perspectiva, Buse (2011, p. 05) salienta que a “escolarização da literatura e o despreparo do professor para mudar as metodologias empregadas são responsáveis pelo conseqüente afastamento dos alunos do caminho prazeroso da leitura literária”, haja vista que a forma como essa disciplina está sendo conduzida não se contextualiza com a realidade e os anseios do aluno.

Segundo ainda apontamentos feitos por esta pesquisadora, o ensino de literatura desde o primeiro ano do ensino médio deve objetivar “[...] pensar na leitura de textos literários em primeiro plano, com o intento de atrair este aluno para o mundo da leitura literária, estimulando a formação do leitor crítico” (BUSE, 2012, p. 24). Para tal propósito, deve-se ter como “[...] trabalho inicial a Literatura contemporânea, e não partindo do texto tradicional da periodização literária” (BUSE, 2012, p. 24).

Seguindo essa premissa, o professor de literatura deve selecionar textos relacionados à realidade de seus alunos e com seus interesses para que assim, a leitura seja realizada com êxito, conforme salientam Corso e Ozelame (2009, p. 72) ao entenderem que a “leitura de textos por lazer/prazer permite que os alunos estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento, extraíndo diferentes conteúdos, fazendo diversas conexões a partir de suas experiências do dia a dia”. Buse (2011, p. 07) comunga com essa afirmação ao compreender que:

O professor inicie o trabalho com a literatura a partir da leitura de textos contemporâneos, que estejam mais próximos à realidade dos alunos, evitando, assim, aquele bloqueio inicial que se cria ao apresentar a literatura ao estudante a partir de textos do trovadorismo, classicismo, barroco, etc. Fazendo caminho contrário, do mais contemporâneo ao mais antigo, esse professor pode vir a conquistar o aluno e, após certa maturidade de leitura, este terá bagagem para ler uma obra clássica, compreender e apreciar, ou renegar, mas já com argumentos sólidos para isso.

Portanto, não é justo esperar ou cobrar dos estudantes que tiveram pouca ou nenhuma leitura, a noção de entendimento ou apreciação de obras literárias mais densas, conforme também assevera a autora Luzia de Maria (2009, p. 159):

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade de leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis, por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura.

Para a autora mencionada acima, “ler é melhor do que não ler”, isto é, se o aluno é adepto a outro tipo de leitura, que a faça. Assim, cabe ao professor conquistar este aluno para leituras mais refinadas, ou seja, a leitura das obras literárias. Como orientação, Buse (2011, p. 08) apresenta a ideia de introduzir o aluno ao mundo literário de maneira gradativa, primeiro estabelecendo uma “relação com o horizonte de expectativa” e de seu conhecimento de mundo, a partir do uso de textos com temática e linguagem mais próximas à sua realidade, para depois ampliar seu repertório. Por esta vertente, Magda Soares (2007) propõe o “amadurecimento literário”:

Talvez porque haja uma trajetória a ser percorrida na formação do leitor, uma trajetória que não se define em função da idade – literatura para crianças, literatura para jovens, literatura para adultos – mas se define por algo que se poderia denominar de **amadurecimento literário**: a construção progressiva de familiaridade com o texto literário, com temáticas, com estilos, um caminhar em direção à conquista de percepção e sensibilidade literárias: da concretude do enredo ao abstrato dos sentimentos e emoções; do explícito dos fatos ao implícito de suas motivações; da narrativa; dos diálogos, das descrições aos pensamentos, às reflexões; do circunstancial ao permanente - dos fatos à condição humana, do personagem ao ser humano. Essa trajetória de **amadurecimento literário** pouco tem a ver com idades, tem a ver com **quando** o indivíduo é introduzido no mundo da literatura e **como** se realiza essa introdução (SOARES, 2007, p. 128, grifos da autora).

Portanto, quando o professor de literatura alcança o objetivo de fazer com que seu aluno pratique a leitura literária, proporciona também “[...] a oportunidade de vir a saber que ler textos literários é aprender a negociar a leitura e a adequá-la a contextos e finalidades, tomando, dessa forma, verdadeira posse do vasto patrimônio (de textos e de práticas de leitura)” (BRANCO, 2005, p. 107).

No entanto, Cereja (2005, p. 56) ressalta que:

A abordagem historicista da literatura, que muitas vezes apresenta pouco de história, sustenta-se numa apresentação panorâmica dos movimentos literários ou estilos de épocas e dos principais autores e obras, ancorados numa linha do tempo. Os autores são os indicados pela tradição canônica; os textos escolhidos são os igualmente apontados como representativos do escritor, do movimento literário ou da geração a que ele está cronologicamente ligado.

Considerando a importância das aulas de literatura no ensino médio, uma vez que é unânime a crença de que cabe a ela, o papel de humanizar o aluno em todas as suas dimensões, questionamos: por que então não (re)pensar o lugar de ensino dessa disciplina no contexto escolar?

Diante dessa indagação, pesquisas como a de Antunes (2015, p. 05) revelam que “[...] a literatura sempre esteve em crise”, haja vista que até a “própria história do homem, foi-se alterando e adquirindo variadas formas e funções”. Por isso, tal disciplina continua a ser “[...] produzida e consumida em suas diferentes modalidades, adaptando-se às novas condições que vão sendo criadas pela história”.

Nesse sentido, a “[...] literatura como prática está (como sempre esteve) em mutação, enquanto a literatura como disciplina escolar e universitária, por sua vez, está em declínio e corre o risco de desaparecer” (ANTUNES, 2015, p. 06). Contudo, podemos observar grande esforço por parte dos pesquisadores da área em mantê-la no currículo escolar, tendo em vista o vasto rol de pesquisas que permeiam por este contexto.

Considerações Finais

As discussões realizadas até aqui, evidenciam que o problema está na forma como a literatura, enquanto disciplina escolar é conduzida por parte dos professores, tendo em vista que a metodologia utilizada está centrada na historicidade da literatura em vez da leitura das obras literárias.

Seu insucesso está na ponta da língua dos alunos quando arrazoam que não gostam dessa disciplina e que executam seus requisitos apenas como forma de cumprimento de aula, já que muitas vezes o ensino é ministrado tendo como base metodológica o preenchimento de fichas de leitura feita por meio de resumos e análises de obras literárias com foco apenas para as características do autor, período e datas, servindo ainda de pretexto para memorização de regras gramaticais ou conteúdos fragmentados.

Tais práticas contribuem para o desinteresse dos alunos e, conseqüentemente, para que os professores se sintam desmotivados, favorecendo assim, o aniquilamento dessa disciplina no contexto escolar. Dessa forma, a ideia que o educando tem desse conceito equivocado do que venha ser literatura, jamais permitirá que sinta os prazeres que a leitura literária proporciona em suas magníficas entrelinhas do imaginário, e que desenvolva as habilidades e competências que somente a prática da leitura é capaz de propiciar.

Desse modo, concluímos esta discussão asseverando que as metodologias e estratégias utilizadas de forma errônea, simplificam e reduzem a aprendizagem do literário. Nesse entendimento, consideramos que a literatura se mantém no currículo escolar apenas por força de tradição e da inércia curricular. Posto isto, compreendemos que para a literatura cumprir seu relevante papel humanizador, torna-se necessário mudar os rumos de sua escolarização, e para isso, uma das possíveis alternativas seria a libertação do professor em relação ao uso exclusivo do livro didático.

Referências

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, 2013.

_____. Lei nº 9.394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. DOU 23.12.1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

_____. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

_____. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (MEC/SEB, Brasília, 2006), v. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

ANTUNES, Benedito. O ensino de literatura hoje. In: FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. ISSN: 1983-4373. n. 14. São Paulo: julho de 2015, p. 03-17.

BARBOSA, S.F.P. A literatura no Ensino Médio. In: Ana Cristina de Sousa Aldrigue; Jan Edson R Leite. (Org.). Linguagens: usos e reflexões. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, v. 6, p. 61-97.

BRANCO, Antônio. Da "leitura literária escolar" à "leitura escolar de/da literatura": poder e participação. In: SANTOS, Maria A. P.S. de. (org.) et al. Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 85-110.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. Revela, ano IV n, 8, p.1-35, junho 2010.

BUSE, Bianca Cristina. A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de) formação do leitor. In: VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011, Florianópolis. VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011. v. 1.

_____. Bianca Cristina. O "mundo virtual" e a formação do leitor no Ensino Médio. In: V Simpósio Nacional da ABCiber, 2011, Florianópolis. Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber, 2011.

_____. Bianca Cristina. Leitura, para que te quero: A literatura e o ensino médio. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. In: O direito à literatura. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CEREJA, William Roberto. Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura. São Paulo: Atual, 2005.

CORSO, Giselle Kaminski; OZELAME, Josiele K. Corso. Escola, leitura, leitores – literatura. In: Visão Global. Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2009.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: Sobre a literatura. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FILIPOUSKI, A. M. Para que ler Literatura na escola? In: FILIPOUSKI, A. M. Teorias e Fazeres na escola em mudança. Porto Alegre: UFRGS, 2006, p. 227.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LOBO, Luiza. Leitor. In: JOBIM, José Luis. Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

LOIS, Lena. Teoria e prática da formação do leitor: Leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artimed, 2010.

MAGNANI, Maria do Rosário L. Mortatti. Leitura e formação do gosto: por uma pedagogia do desafio do desejo. *Idéias*, São Paulo, v. 13, p. 101-108, 1992.

_____. Sobre o ensino da Leitura. In *Revista: Leitura, Teoria & Prática*. Campinas, ALB, nº 25, junho/1995, p. 31.

MARIA, Luzia de. O clube do livro: ser leitor – que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

MARTINS, Aracy; VERSIANI, Zélia (Orgs). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOISÉS, Leyla Perrone. Literaturas artes, saberes. In: *O ensino da Literatura*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

PIMENTEL, Marta Ferreira. *Literatura e ensino*. São Paulo: USP, 2008.

RAGO, Margareth; NETO, - Alfredo Veiga. (Orgs) *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 13.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. Repensando o ensino de Literatura no Ensino Médio: A interação texto-leitor como centro. *Contrapontos – Volume 9*. nº 1 – p. 65-80 – Itajaí, jan/abr 2009.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: novas abordagens no ensino de Literatura*. In: *Anais do evento PG Letras*. v. 1, p. 514-527, 2003.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, Maurício. *Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura*. *Nau Literária (UFRGS)*, v. 06, p. 01-10, 2010.

SILVA, Marcelo Alves; SOUZA, José Antonio de. A Leitura literária: especificidades e contribuições para a humanização do aluno/leitor. *Interfaces da Educação*. ISSN 2177-7691, Paranaíba, v. 3, n. 8, p. 35-47, 2012. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/560/524>>. Acesso em: 29 de nov. de 2020.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura Infantil e Juvenil. In: *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Ler, verbo intransitivo. In PAIVA, Aparecida et. al., (Org.) *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2005, p. 30).

_____. Formação de Leitores: introdução ao mundo da leitura literária. Reflexões a partir de uma experiência. In: DINIZ, Jason, Prado Júlio (Org.). Vivências de leitura. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007, p. 127-130.

TODOROV, Tzvetan. A Literatura em Perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009, p. 76.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto. São Paulo/Campinas, Global/ALB, 2008, p. 23.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. Curitiba: InterSaberes, 2012.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Camila Gonçalves da Costa. Mestre em Educação. Doutoranda em Estudos Literários. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS - PPG-Letras, *Campus* de Três Lagoas/MS, Brasil.

E-mail: camilaggcosta@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3693-0889>

Amanda Eliane Lamônica Araújo. Mestre em Estudos Literários. Doutoranda em Estudos Literários. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS - PPG-Letras, *Campus* de Três Lagoas/MS, Brasil.

E-mail: amanda.lamonica@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9259-252X>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

EDITORES

Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 09/10/2020 – Aprovado em: 28/11/2020 – Publicado em: 29/12/2020.

COMO CITAR

COSTA, C. G.; ARAÚJO, A. E. L. O Ensino de Literatura no Contexto do Ensino Médio. Revista ENSIN@ UFMS, Três Lagoas, v. 1, n. 5, p. 51-71. 2020.